

# BOLETIM ECONÔMICO

SETOR DE PRODUTOS  
PARA A SAÚDE NO BRASIL

EDIÇÃO: 03 | AGOSTO 2013

JANEIRO-JUNHO 2013

## PRODUÇÃO NA INDÚSTRIA E VENDAS NO COMÉRCIO

A produção industrial de equipamentos de instrumentação médico-hospitalar e ópticos, segundo a Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF), do IBGE, apresentou crescimento de 6,5% no primeiro semestre de 2013, em relação ao mesmo período de 2012.

Já as vendas no comércio varejista de artigos farmacêuticos, médicos e ortopédicos, segundo a Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE, apresentaram crescimento de 8,6% de janeiro a junho de 2013 ante o mesmo período do ano anterior.



## TABELA 01: DESEMPENHO DA PRODUÇÃO E DAS VENDAS

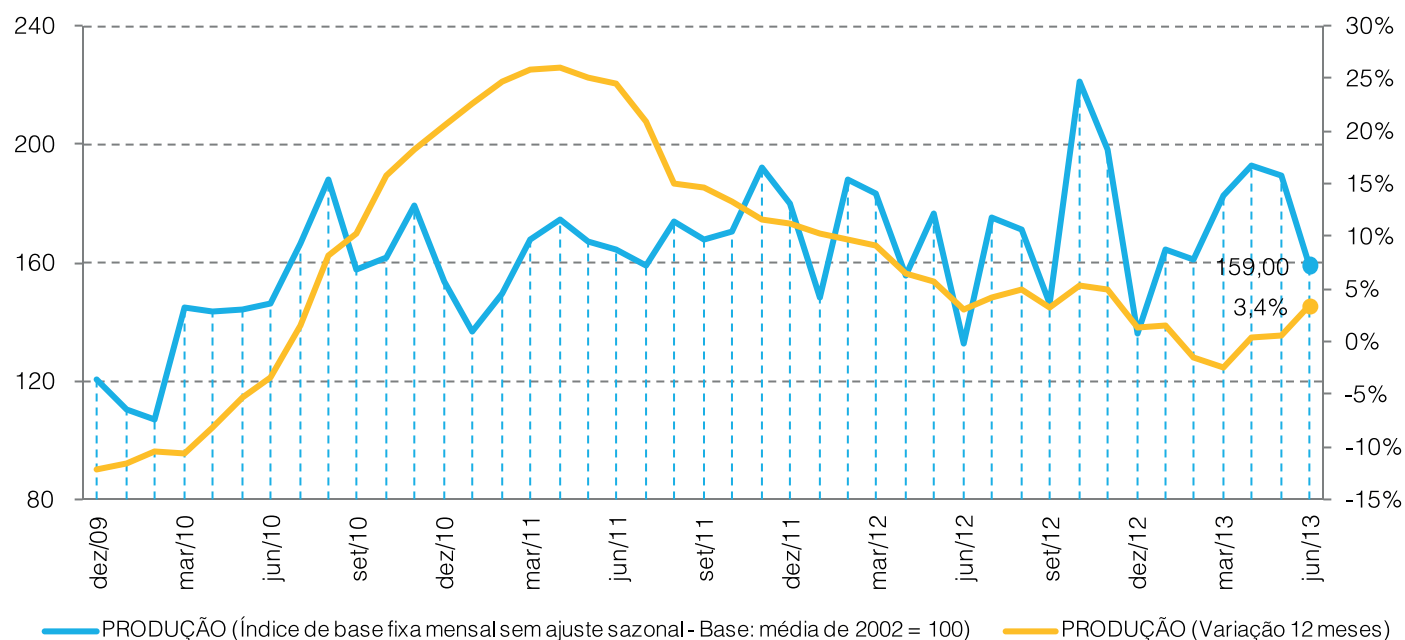
VARIAÇÃO PERCENTUAL | JANEIRO A JUNHO DE 2013

PRODUÇÃO E VENDAS	VARIAÇÃO NO MÊS	VARIAÇÃO NO PERÍODO	VARIAÇÃO EM 12 MESES
	JUN13/ JUN12	JAN13-JUN13/ JAN12-JUN12	JUL12-JUN13/ JUL11-JUN12
<b>PRODUÇÃO NA INDÚSTRIA</b>			
EQUIPAMENTOS DE INSTRUMENTAÇÃO MÉDICO-HOSPITALAR, ÓPTICOS	19,7%	6,5%	3,4%
<b>VENDAS NO COMÉRCIO VAREJISTA</b>			
ARTIGOS FARMACÊUTICOS, MÉDICOS E ORTOPÉDICOS	6,6%	8,6%	9,1%

FONTE: PIM-PF/IBGE E PMC/IBGE | ELABORAÇÃO: WEBSETORIAL

## GRÁFICO 01: DESEMPENHO MENSAL DA PRODUÇÃO

EM NÚMERO ÍNDICE E EM VARIAÇÃO PERCENTUAL | DEZEMBRO DE 2009 A JUNHO DE 2013



FONTE: PIM-PF/IBGE E PMC/IBGE | ELABORAÇÃO: WEBSETORIAL

## DESEMPENHO DO EMPREGO NO SETOR

Em 2012, as atividades industriais e comerciais do setor de materiais e equipamentos para medicina e diagnóstico geraram 4,5 mil novos postos de trabalho. Em dezembro de 2012, o nível de emprego no setor era 4% superior ao verificado em dezembro de 2011. Segundo dados do CAGED, do Ministério do Trabalho e Emprego, no primeiro semestre de 2013, foram gerados 3.453 novos empregos nas atividades industriais e comerciais do setor de materiais e equipamentos para medicina e diagnóstico. A geração de novos empregos no período foi 6,3% superior à verifica-

da no primeiro semestre de 2012. Entre os segmentos do setor, destaca-se o de comércio atacadista de máquinas e aparelhos para uso odonto-médico-hospitalar, com o incremento de 8,8% na oferta de vagas em 12 meses.

O desempenho do segmento de comércio atacadista de máquinas e aparelhos para uso odonto-médico-hospitalar também foi positivo no primeiro semestre do ano, período em que houve crescimento de 6,7% na geração de novas vagas.

## TABELA 02: EVOLUÇÃO DO EMPREGO NO SETOR

EM NÚMEROS E VARIAÇÕES PERCENTUAIS | JANEIRO A JUNHO DE 2013

SEGMENTOS	EM NÚMEROS	VARIAÇÃO PERCENTUAL	
	EMPREGADOS EM JUNHO DE 2013	JAN13-JUN13/ JAN12-JUN12	JUL12-JUN13/ JUL11-JUN12
INDÚSTRIA DE INSTRUMENTOS E MATERIAIS PARA USO MÉDICO E ODONTOLÓGICO E DE ARTIGOS ÓPTICOS	49,8 mil	2,4%	2,8%
INDÚSTRIA DE APARELHOS ELETROMÉDICOS E ELETROTERAPÊUTICOS E EQUIPAMENTOS DE IRRADIAÇÃO	5,6 mil	4,3%	4,9%
COMÉRCIO ATACADISTA DE INSTRUMENTOS E MATERIAIS PARA USO MÉDICO, CIRÚRGICO, ORTOPÉDICO E ODONTOLÓGICO	35,4 mil	4,6%	5,4%
COMÉRCIO ATACADISTA DE MÁQUINAS, APARELHOS E EQUIPAMENTOS PARA USO ODONTO-MÉDICO-HOSPITALAR (PARTES E PEÇAS)	9,5 mil	6,7%	8,8%
COMÉRCIO VAREJISTA DE ARTIGOS MÉDICOS E ORTOPÉDICOS	22,9 mil	4,6%	3,1%
SERVIÇOS DE COMPLEMENTAÇÃO DIAGNÓSTICA E TERAPÊUTICA	183,8 mil	6,1%	7,7%

FONTE: CAGED/MTE E RAIS 2011 | ELABORAÇÃO: WEBSETORIAL

## PREÇOS DOS PRODUTOS PARA A SAÚDE

No primeiro semestre de 2013, os preços de hospitalização e cirurgia tiveram um incremento de 4,2%, reajuste superior ao IPCA, que atingiu a marca de 3,2%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Itens como artigos ortopédicos (2,1%), exame de laboratório (2,3%) e radiografia (2,6%) não chegaram a superar a variação atingida pelo IPCA.

## TABELA 03: PREÇOS DOS PRODUTOS

VARIAÇÕES PERCENTUAIS | JANEIRO A JUNHO DE 2013

PREÇOS (IPCA)	VARIAÇÃO PERCENTUAL		
	JUN13/ MAI13	JAN13-JUN13/ JAN12-JUN12	JUL12-JUN13/ JUL11-JUN12
ARTIGOS ORTOPÉDICOS	0,87%	2,1%	3,0%
EXAME DE LABORATÓRIO	0,49%	2,3%	3,6%
HOSPITALIZAÇÃO E CIRURGIA	0,59%	4,2%	6,8%
RADIOGRAFIA	-0,14%	2,6%	5,7%
IPCA	0,26%	3,2%	6,5%
TAXA DE CÂMBIO	1,63%	-2,1%	2,5%

FONTE: IPA/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV | ELABORAÇÃO: WEBSETORIAL

## PREÇOS DOS PRODUTOS PARA A SAÚDE

Na comparação dos números em 12 meses, os preços de hospitalização e cirurgia apresentaram o maior reajuste (6,8%), seguidos por radiografia, com aumento de 5,7%, e exame de laboratório, com reajuste médio de 3,6%. Quase todas as categorias não chegaram a superar o IPCA no período, exceto o item hospitalização e cirurgia.



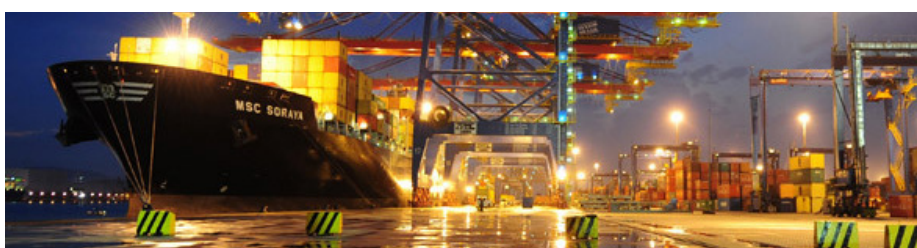
## COMÉRCIO INTERNACIONAL NO SETOR

As exportações totais de materiais e equipamentos para medicina e diagnóstico do setor alcançaram US\$ 173,4 milhões no primeiro semestre de 2013, o que representou recuo de 2,77% em relação a igual período do ano anterior.

As importações, no mesmo período, totalizaram o valor de US\$ 2 bilhões, com incremento de 8,09% em relação ao primeiro semestre de 2012. O maior aumento relativo nas importações ocorreu no grupo de produtos “instrumentos e aparelhos para medi-

cina, cirurgia, odontologia e veterinária”, com crescimento de 13,6%, frente a igual período de 2012, seguido do grupo “instrumentos e aparelhos para análises físicas e químicas”, cujas importações se elevaram em 13,3% no

semestre. Os demais grupos de produtos do setor também apresentaram crescimento nas importações, com exceção de “artigos e aparelhos ortopédicos”.



## TABELA 04: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS NOS GRUPOS DE PRODUTOS

EM MILHÕES DE DÓLARES E VARIAÇÕES PERCENTUAIS | JANEIRO A JUNHO DE 2013

SEGMENTOS		JUN13/ MAI13	JAN13-JUN13/ JAN12-JUN12	JUL12-JUN13/ JUL11-JUN12
NCM 9018: INSTRUMENTOS E APARELHOS PARA MEDICINA, CIRURGIA, ODONTOLOGIA E VETERINÁRIA	MILHÕES DE US\$	121	726	1.411
	VARIAÇÃO PERCENTUAL	-3,7%	13,6%	9,2%
NCM 9021: ARTIGOS E APARELHOS ORTOPÉDICOS (INCLUÍDAS AS CINTAS E FUNDAS MÉDICO-CIRÚRGICAS E AS MULETAS), ETC	MILHÕES DE US\$	66	375	754
	VARIAÇÃO PERCENTUAL	16,2%	-0,6%	3,7%
NCM 9022: APARELHOS DE RAIOS-X E APARELHOS QUE UTILIZEM RADIAÇÕES ALFA, BETA OU GAMA	MILHÕES DE US\$	36	196	351
	VARIAÇÃO PERCENTUAL	23,0%	11,5%	-4,0%
NCM 9027: INSTRUMENTOS E APARELHOS PARA ANÁLISES FÍSICAS OU QUÍMICAS	MILHÕES DE US\$	51	318	674
	VARIAÇÃO PERCENTUAL	-8,3%	13,3%	1,7%
MEIOS DE CULTURA E KITS E REAGENTES PARA DIAGNÓSTICO	MILHÕES DE US\$	56	390	745
	VARIAÇÃO PERCENTUAL	-8,8%	0,6%	2,8%

FONTE: ALICE WEB/ SECEX | ELABORAÇÃO: WEBSETORIAL

## REIVINDICAÇÕES DE MELHORIA NO SISTEMA DE SAÚDE

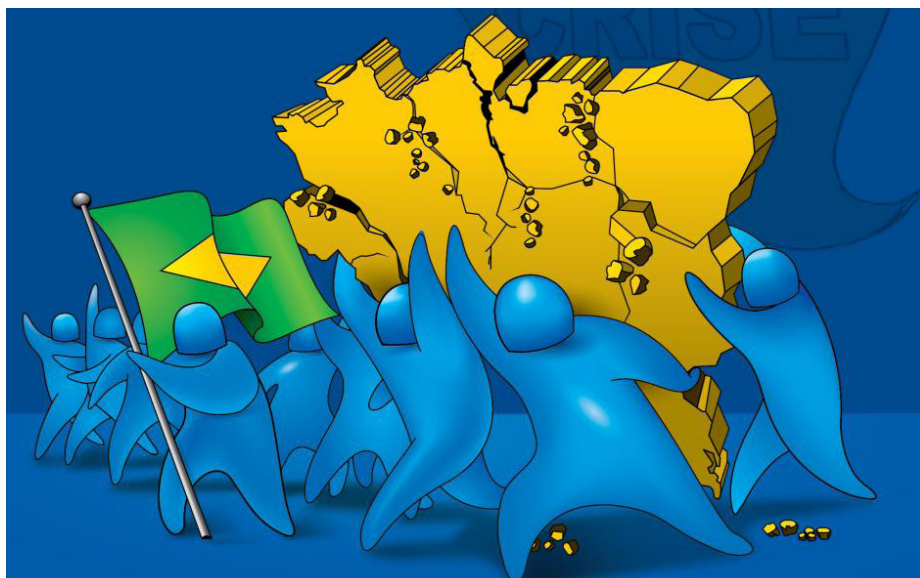
Motivadas pelo descontentamento popular quanto ao elevado custo do transporte público, as manifestações de rua ocorridas nos meses de junho e julho de 2013 no Brasil serviram de porta de entrada para a ampliação das exigências de melhorias em outros serviços públicos, como saúde e educação.

Os movimentos desencadearam mudanças em várias esferas dos serviços públicos, exigindo ações dos governos para o atendimento a esses direitos sociais.

No que se refere à área da saúde, as respostas ocorrerão no sentido de aumento dos recursos destinados à assistência da saúde pública para, assim, garantir o cumprimento dos preceitos constitucionais do SUS: integralidade, universalidade, gratuidade e qualidade.

Nesta edição, o boletim econômico da ABIIS sobre o setor de produtos para a saúde no Brasil, seguindo a linha das manifestações populares, destaca alguns parâmetros sobre os

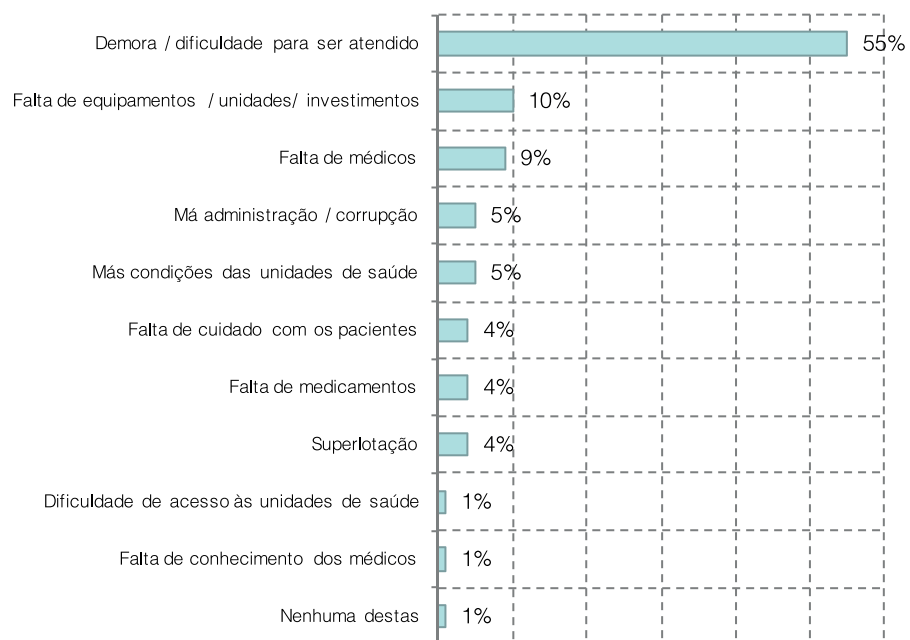
valores e a qualidade dos gastos com a saúde no Brasil, a partir de comparações internacionais e interestaduais.



## COMO O BRASILEIRO AVALIA O SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE

Segundo a pesquisa CNI – IBOPE- “Retratos da sociedade brasileira: Saúde pública (2012)”, obtida a partir de uma amostra de 2.002 entrevistas em 141 municípios, mais da metade da população brasileira reprova o sistema público de saúde no País. Entre os entrevistados, 22% o avaliam como péssimo e 39% como ruim. As desaprovações somam 61% do total. Outros 28% dos entrevistados intitulam o sistema de saúde pública como regular. O principal problema no sistema público de saúde, segundo os entrevistados, é a demora e a dificuldade para ser atendido. O gráfico ao lado resume o resultado da pesquisa. A solução para melhorar os serviços oferecidos à população, segundo 95% dos entrevistados, seria aumentar os níveis de investimentos em saúde.

**GRÁFICO 02: PRINCIPAIS PROBLEMAS DO SUS**  
EM PERCENTUAL | ANO DE 2012



FONTE: PESQUISA CNI - IBOPE (RETRATOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA: SAÚDE PÚBLICA 2012)



## AS RESPOSTAS DO GOVERNO ÀS MANIFESTAÇÕES POPULARES

Em resposta às reivindicações dos movimentos de rua sobre as questões da saúde, a primeira ação do governo foi assumir o compromisso de que, em outubro de 2013, será ampliado o quadro de médicos no interior do País. O Ministério da Saúde garantiu que, até setembro de 2013, os profissionais na saúde estarão em condições de atender a população mais carente. Como medida emergencial, com a intenção de suprir a carência de profissionais na saúde nas áreas mais remotas, haverá a contratação de médicos estrangeiros. No entanto, os profissionais

brasileiros terão prioridade. Serão também ampliadas as vagas nas universidades e nos hospitais para médicos residentes. Existe ainda a promessa de ser concluída rapidamente a construção de 800 hospitais pelo País.

Os dados comparativos, apresentados a seguir, entre o Brasil e outros países sobre o nível de investimentos em saúde, bem como de outros parâmetros de infraestrutura, possibilitam avaliar se as respostas do governo federal atenderão às demandas sociais.

## GASTOS COM A SAÚDE NO BRASIL

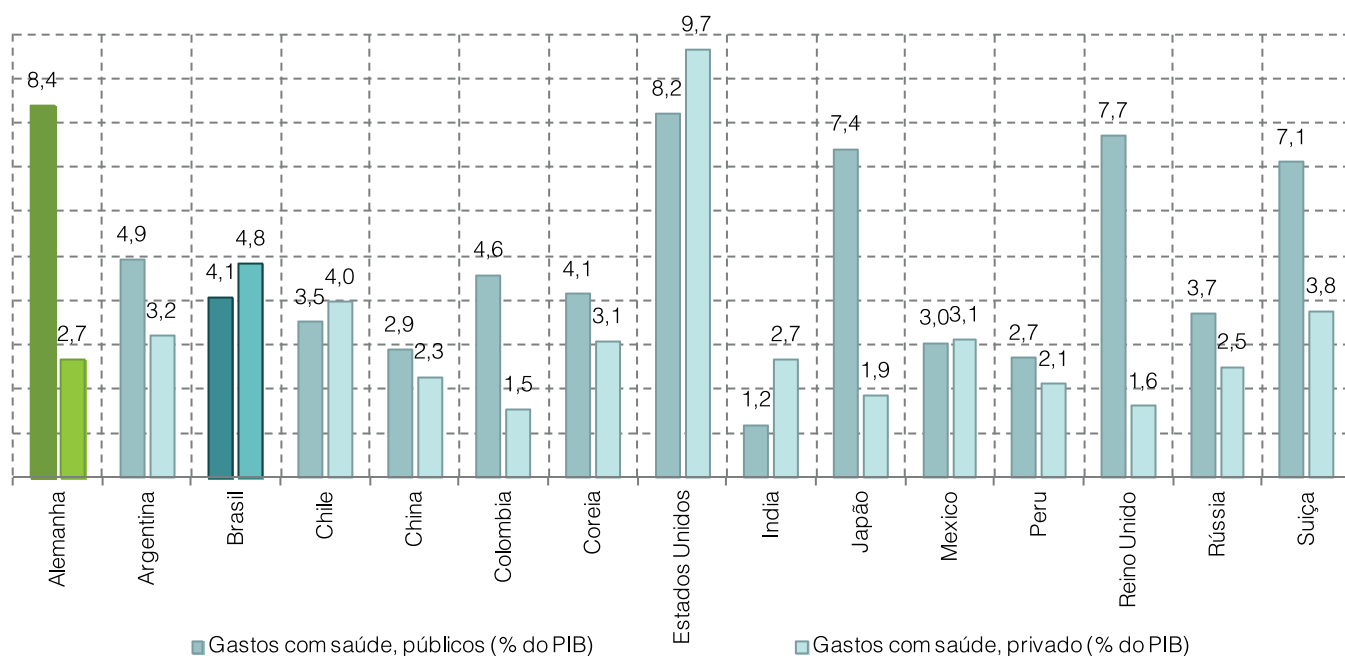
Os gastos com saúde no Brasil corresponderam, em 2011, a 8,9% do PIB, sendo que o setor público arcou com 4,8% e o setor privado com outros 4,1%.

Em países desenvolvidos, como a Alemanha, o Japão e o Reino Unido, os gastos totais estão entre 10% e 11% do PIB, com a diferença de que a maior parte do custo é suportada pelo setor público, enquanto no Brasil e nos demais países da América Latina a divisão dos gastos é próxima de 50%-50%. Os dados referentes ao Estados Unidos não foram utilizados na comparação, tendo em vista que o sistema norte-americano é excessivamente

oneroso para os cofres públicos, além de apresentar muitas ineficiências, não servindo, portanto, como parâmetro.

De acordo com os dados das Contas Nacionais do Brasil, os gastos com saúde, no ano 2000, consumiam 7,3%, em média, da renda bruta das famílias. Em 2009, esse percentual aumentou para 7,7%. Não há dados para os anos seguintes, mas tal aumento de peso no bolso do cidadão contribui para acentuar a percepção de que o sistema de saúde é cada vez mais oneroso, além de ruim, conforme o resultado da pesquisa CNI - IBOPE (2012).

**GRÁFICO 03: COMPARAÇÃO INTERNACIONAL DO TOTAL DOS GASTOS**  
PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DOS GASTOS NO PIB | ANO DE 2011



FONTE: WORLD BANK

## OFERTA DE INFRAESTRUTURA DE SAÚDE NO BRASIL PARÂMETROS INTERNACIONAIS

**LEITOS TOTAIS:** Segundo os dados do Global Health Observatory (WHO), em 2010, havia, no Brasil, 22,6 leitos para cada 10 mil habitantes. Na comparação internacional, a situação de disponibilidade de leitos no Brasil é melhor somente do que a do Chile e do México, que apresenta o pior resultado, com cerca de 16 leitos por 10 mil habitantes.

Entre os dados disponíveis, nota-se que o Japão possui a maior disponibilidade de leitos, 136 por 10 mil habitantes, sendo a média internacional de 42 leitos por cada 10 mil habitantes. Portanto, o Brasil necessitaria dobrar o número de leitos para alcançar a média internacional ou, apenas para se equiparar ao Reino Unido e chegar a 33 leitos por 10 mil habitantes, acrescentar 198,6 mil leitos aos existentes no sistema de saúde, considerando-se os hospitais públicos e privados.

**MÉDICOS:** No Brasil, existem 18,6 médicos para cada 10 mil habitantes, número razoável se comparado com a média de outros países da América do Sul, como o Chile, com apenas 11 médicos por 10 mil habitantes, mas muito distante de nações como a Rússia, que dispõe de 43 médicos por 10 mil/hab e apresenta o maior índice entre os países pesquisados. A média OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), e de 31 médicos para cada 10 mil/ hab. realidade muito superior à

verificada no Brasil. Entretanto, o maior problema no Brasil é a má distribuição desses médicos entre os estados. (Tabelas 5 e 6).

**EQUIPAMENTOS DE TOMOGRAFIA:** Os registros oficiais permitiram ao Banco Mundial computar a existência de 14,8 equipamentos de tomografia computadorizada por milhão de habitantes no Brasil. Essa proporção é muito superior à verificada, por exemplo, no México, com 4,8 equipamentos de tomografia por milhão de habitantes. No entanto, a comparação com países que oferecem serviços de saúde considerados satisfatórios para a população, como o Coreia do Sul, com 35,3, e a Suíça, com 32,3 equipamentos por milhão de habitantes, mostra que seria necessário dobrar o número de equipamentos.

**EQUIPAMENTOS DE RESSONÂNCIA MAGNÉTICA:** No Brasil, há apenas 5,3 equipamentos de ressonância magnética por milhão de habitantes, enquanto nos Estados Unidos há 31,5 equipamentos de ressonância magnética por milhão de habitantes. O México apresenta o pior indicador, 1,96.

Além do fato de o Brasil oferecer à população poucos leitos, médicos e equipamentos em relação a parâmetros internacionais, o pior problema, como mostrado a seguir, é a má alocação da infraestrutura de saúde entre os estados.

### TABELA 05: INDICADORES DE DISPONIBILIDADE DE LEITOS, MÉDICOS E EQUIPAMENTOS MÉDICOS DE TOMOGRAFIA E RESSONÂNCIA

NOS PAÍSES SELECIONADOS | ANO DE 2010

PAÍS	LEITOS POR 10.000 HAB	MÉDICOS POR 10.000 HAB	EQUIP. TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA POR MILHÃO DE HAB.	EQUIP. DE RESSONÂNCIA POR MILHÃO DE HAB.
ALEMANHA	82,0	35,0	N/D	N/D
BRASIL	22,6	18,6	14,8	5,3
CHILE	21,0	11,0	N/D	N/D
CHINA	42,0	14,0	N/D	N/D
COLÔMBIA	N/D	14,0	N/D	N/D
COREIA DO SUL	102,5	17,0	35,3	19,9
ESTADOS UNIDOS	30,0	27,0	34,3	31,6
JAPÃO	136,5	21,0	97,3	43,1
MÉXICO	16,0	29,0	4,8	2,0
REINO UNIDO	33,0	21,0	8,0	5,9
RÚSSIA	N/D	43,0	N/D	N/D
SUÍÇA	52,0	40,0	32,6	N/D

FONTE: OMS E IBGE - PESQUISA ASSISTÊNCIA MÉDICO-SANITÁRIA

## OFERTA DE INFRAESTRUTURA DE SAÚDE NO BRASIL COMPARAÇÃO REGIONAL

A pesquisa “Retratos da sociedade brasileira: Saúde pública”, de janeiro de 2012 (IBOPE e CNI), já citada anteriormente, também revelou que 60% da população entrevistada utiliza a rede pública de atenção à saúde, e que somente um em cada quatro brasileiros possui planos de saúde. Esses dados demonstram o quanto a população brasileira é dependente do Sistema Único de Saúde.

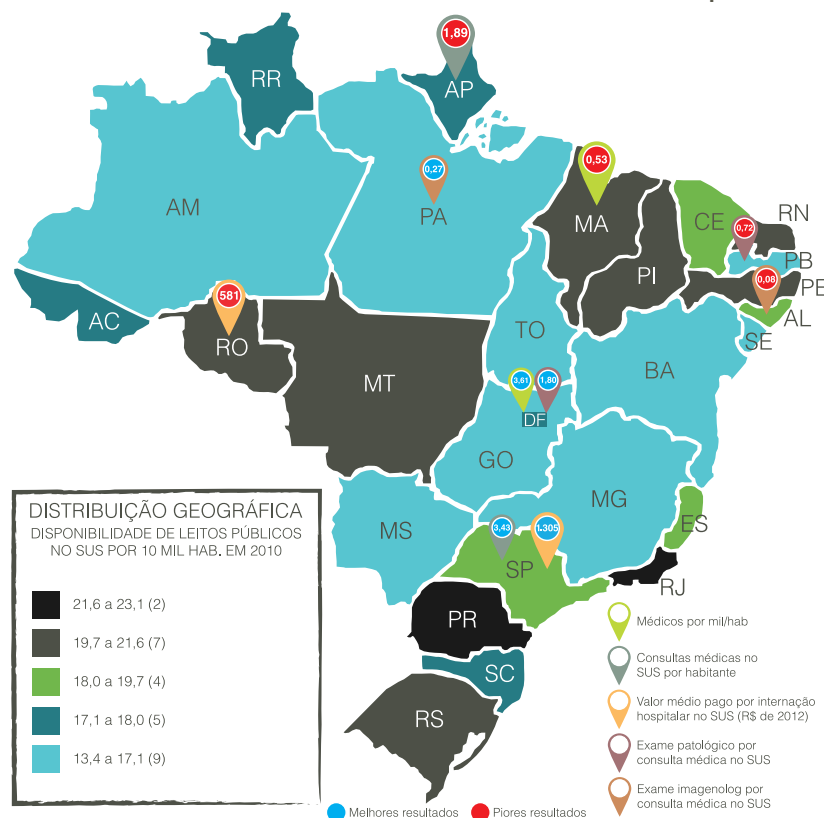
**LEITOS PÚBLICOS:** Como já foi destacado, o Brasil dispunha de 22,5 leitos por 10 mil habitantes em 2010. Desse total, 15,3 leitos pertenciam ao SUS. Entre os estados brasileiros, há uma dispersão muito grande nessa distribuição de leitos por habitantes. O pior resultado é o verificado para o estado do Amazonas, com 13,4 leitos públicos para cada 10 mil habitantes, e o melhor resultado nesse quesito pertence ao Rio de Janeiro, com 23,1 leitos.

**MÉDICOS:** Tal diferença na infraestrutura de saúde entre os estados também se verifica no que tange à disponibilidade de médicos por habitantes no Brasil. O Maranhão, por exemplo, tem 5,3 médicos no SUS para cada 10 mil habitantes, enquanto o Distrito Federal tem 36,1, Rio de Janeiro 35,2 e São Paulo 25. Entre os 26 estados brasileiros, 20 possuem menos da metade de médicos disponíveis por 10 mil/hab do que o Distrito Federal.

**CONSULTA NO SUS:** O Brasil realiza por ano cerca de 2,7 consultas no SUS por habitante. Entretanto, no Amapá são realizadas, em média, 1,89 consultas no SUS por ano por habitante, o pior indicador entre os estados. O melhores indicadores de consultas anuais por habitante no Brasil são os verificados em São Pau-

### MAPA 01: DIFERENÇAS REGIONAIS NO BRASIL EM RELAÇÃO A DISPONIBILIDADE DE

LEITOS, MÉDICOS, REEMBOLSO, EXAMES PATOLÓGICOS E IMAGEM |  
[ANO DE 2010]



FONTE: MINISTÉRIO DA SAÚDE/SGTES/DEGERTS/CONPROF - CONSELHOS PROFISSIONAIS

lo (3,4), e no Mato Grosso 3.

**VALORES PAGOS PELO SUS POR INTERNAÇÃO:** Outra grande diferença nos serviços de saúde oferecidos pelos estados brasileiros está nos valores médios pagos pelo SUS por internação hospitalar. Em Rondônia, por exemplo, o valor médio é de R\$ 581 por internação e no Estado de São Paulo algo em torno de R\$1.305 (dados de 2010, convertidos a valores de 2012 pelo INPC).

**EXAMES:** São realizados cerca de 1,06 exames de patologia por consulta médica no Brasil pelo SUS. No Distrito Federal, o sistema gera 1,8 exames por consulta médica e a Paraíba rea-

liza 0,72, sendo esse o pior indicador no Brasil. Por sua vez, os exames de imagem realizados por consulta médica no SUS são, em média, de 0,18. No Estado de Alagoas são realizados apenas 0,08, o menor indicador. O Pará, com 0,27, realiza, em média, o maior número de exames de imagem pelo SUS. Dos dados internacionais e nacionais apresentados, pode-se concluir que a população brasileira tem motivos de sobra para se sentir descontente com a infraestrutura humana e física de saúde oferecida pelo sistema público.

## OFERTA DE INFRAESTRUTURA DE SAÚDE NO BRASIL COMPARAÇÃO REGIONAL

**TABELA 06: DIFERENÇAS REGIONAIS NO BRASIL - DISPONIBILIDADE DE LEITOS, MÉDICOS, REEMBOLSO, EXAMES PATOLÓGICOS E IMAGEM | ANO DE 2010**

ESTADOS	LEITOS PÚBLICOS POR DEZ MIL HABITANTES	VALOR MÉDIO PAGO POR INTERNAÇÃO HOSPITALAR NO SUS (EM R\$ DE 2012)	MÉDICOS POR DEZ MIL HABITANTES	MÉDIA DE CONSULTAS NO SUS POR HABITANTE	EXAMES PATOLOGIA POR CONSULTA MÉDICA NO SUS	EXAMES IMAGEM POR CONSULTA MÉDICA NO SUS
ACRE	17,70	651,46	9,20	2,46	1,43	0,15
ALAGOAS	19,00	894,48	11,70	2,75	0,78	0,08
AMAPÁ	17,40	637,66	7,50	1,89	0,83	0,24
AMAZONAS	13,40	797,45	10,70	2,36	1,66	0,26
BAHIA	14,70	779,36	11,20	2,12	1,09	0,17
CEARÁ	18,10	947,56	10,60	2,28	0,81	0,13
DISTRITO FEDERAL	17,50	1.010,52	36,10	2,26	1,80	0,21
ESPÍRITO SANTO	18,80	1.071,26	19,30	2,90	1,20	0,17
GOIÁS	15,60	914,44	14,00	2,43	1,14	0,20
MARANHÃO	21,10	673,86	5,30	3,10	0,83	0,22
MATO GROSSO	20,20	898,08	11,40	3,07	1,02	0,18
MATO GROSSO DO SUL	16,00	998,19	14,60	2,69	0,75	0,11
MINAS GERAIS	15,70	1.218,50	18,20	2,68	1,12	0,18
PARÁ	16,30	682,73	7,70	1,94	1,67	0,27
PARAÍBA	15,20	915,38	11,90	2,40	0,72	0,13
PARANÁ	21,60	1.235,77	19,70	2,91	0,82	0,13
PERNAMBUCO	20,10	994,76	13,70	2,38	1,08	0,15
PIAUI	20,50	708,03	9,30	2,07	0,82	0,22
RIO DE JANEIRO	23,10	1.127,98	35,20	2,45	1,30	0,22
RIO GRANDE DO NORTE	20,40	1.043,00	12,30	2,58	1,13	0,15
RIO GRANDE DO SUL	20,70	1.232,30	23,70	2,75	0,92	0,15
RONDÔNIA	19,70	581,03	10,30	2,94	1,24	0,13
RORAIMA	17,50	730,17	12,40	2,95	1,39	0,18
SANTA CATARINA	17,10	1.291,49	16,80	2,50	1,14	0,17
SÃO PAULO	18,00	1.304,95	25,00	3,43	1,00	0,19
SERGIPE	14,80	943,99	13,00	2,00	1,14	0,10
TOCANTINS	14,40	870,59	9,90	2,44	0,87	0,23
<b>BRASIL</b>	<b>15,30</b>	<b>1.063,85</b>	<b>18,60</b>	<b>2,71</b>	<b>1,06</b>	<b>0,18</b>

FONTE: MINISTÉRIO DA SAÚDE/SGTES/DEGERTS/CONPROF - CONSELHOS PROFISSIONAIS



[www.abimed.org.br](http://www.abimed.org.br)



[www.abraidi.com.br](http://www.abraidi.com.br)



[www.cbdl.org.br](http://www.cbdl.org.br)



[www.abiis.org.br](http://www.abiis.org.br)